

O papel da religião e a irrupção da violência numa sociedade em mudanças

Marli Wandermurem
marliw@fbb.br

Abstract

It can be affirmed that every society is violent. Violence can be symbolical or physical. It can be accepted, suffered or practiced and manifest itself in the construction, reproduction or in the transformation of social relations. This essay has in view to discuss some aspects related to the religion representation regarding the violence-society relation. Such discussion starts to receive a dimension of investigation in the post-modern world. Never as nowadays the religion was an objective of so many studies related to the newest and varied matter, specially when it is noted that it didn't lose its status in a technological and scientific society. On the contrary, nowadays one lives the religion effervescence. It indicates that the now existing world is also religious. However, too much violence happens in the society in the name of the religion. In order to understand how religion-violence-society can be interlaced it's necessary to review the religion concept that nowadays has a semantic insignificance to fulfill the multiplicity and complexity of its contents.

Keywords: Religion. Society. Violence. Technological. Secularization. Post Modernity. Etnnic. Power.

Resumo

Descreve atividades desenvolvidas pelo serviço de segurança pública física ou simbólica. Pode ser aceita, sofrida ou praticada e se manifesta na construção, na reprodução ou na transformação das relações sociais. Este artigo visa discutir alguns aspectos ligados às representações da religião em relação com "violência-sociedade". Tal discussão começa a ganhar uma dimensão de investigação no mundo "pós-moderno". A religião hoje é objetivo de muitos estudos, por parte das mais novas variadas disciplinas, especialmente por perceber que ela não perdeu seu status na sociedade cientificista e tecnológica. Pelo contrário, vive-se hoje a efervescência religiosa. O que indica que o mundo atual é também religioso. No entanto, violências "demais" ocorrem dentro da sociedade em nome da religião. Para entender o entrelaçar de religião-violência-sociedade se faz necessário rever o conceito "religião" que tem hoje uma insignificância semântica para dar conta da complexidade e da multiplicidade de seus conteúdos.

Palavras-chave: Religião. Sociedade. Violência. Secularização. Pós-Modernidade. Etnia. Poder.

1 Introdução

A violência é uma realidade com a qual o século 21 convive. Enquanto plural – violências – pode-se afirmar que há uma multiplicidade em suas manifestações que tem seu nascedouro em muitos setores da sociedade. E um deles é a espaço da religião. Verifica-se que as últimas décadas trouxeram consigo mudanças radicais e, trouxeram também, um surpreendente surto de violências condicionadas pela religião. As notícias envolvendo atos e atitudes violentas chegaram às casas: ações terroristas em nome do Islã, atentados a bombas entre católicos e protestantes, massacres entre hindus e budistas, genocídio na África, guerra entre católicos, ortodoxos e muçulmanos, etc.

Portanto, nota-se que em todos os continentes surgiram conflitos étnicos, nacionais ou sociais, onde a religião desempenhou um papel fatídico. E, acima de tudo, aumenta a cada dia conflitos onde a fonte da violência é diretamente a religião. Então se pergunta como interpretar as situações de extrema violência onde a religião cumpre um papel fundamental em sua irrupção? E ainda cabe perguntar se a religião pode construir a sólida base para uma ética da superação da violência.

Esse trabalho pretende analisar a violência como um mal que está presente na sociedade e verificar qual é o papel da religião. São muitos os espaços de violências que se poderia detectar em nossa sociedade pós-moderna. Como vamos trabalhar com dois termos de muita amplitude se faz necessário entender um conceito que melhor os defina. Desde já queremos apresentar uma dificuldade, pois definir religião e violência implica, antes de tudo, entender os espaços de suas manifestações.

2 Religião-violência: definição e classificação

Evidentemente, nem toda violência que ocorre neste mundo acontece por motivos religiosos, mas o que se sabe é que ocorrem violências em nome da religião. Numa visão apologética, é fácil afirmar que o conteúdo da religião não é violento e que são os seres humanos que, individual ou coletivamente, desviam o seu sentido. Mas para abordar a correlação entre violência

e religião é necessário entender a complexidade dos significados desses dois termos.

2.1 Religião

A palavra religião encontra-se com problemas tanto de definição quanto de classificação. Desde da época das descobertas de vários povos com diferentes etnias, notou-se as formas infinitas nas quais ela se manifestava. É o que ocorreu no final do século XVIII: o conhecimento das sociedades extra-européias - a começar pelas civilizações andinas, que na altura do conhecimento já estavam destruídas - a decifração do sânscrito, os missionários percorrendo, há muito tempo, os territórios africanos em sua obra evangelizadora, estavam presentes até na China e no sudeste asiático; exploradores e navegadores mandavam relatórios e testemunhos de lugares distantes. Assim, chegavam à Europa descrições detalhadas sobre as culturas e as religiões que serviram de base para a discussão sobre os outros povos - “selvagens”. Portanto, a palavra religião começa a ter insuficiência semântica para dar conta da complexidade e de sua multiplicidade dos seus conteúdos que foram se realizando nas diversas civilizações em várias partes do mundo.

Neste clima de descobertas culturais, amplia-se a consciência de que o cristianismo é uma dentre tantas religiões no planeta. Isso abriu a questão semântica: o termo religião, de matriz latino assumido pela tradição cultural ocidental, não era mais apto a definir as concepções do mundo religioso conhecido. Além disso, o termo religião era estranho à linguagem das culturas antigas. Uma análise da etimologia da palavra “religião” nos indica que o termo vem de *religio* que significava “escrúpulos”, “consciência”, “exatidão”, “lealdade” e outros afins. *Religio* indicava, no mundo latino pré-cristão, essencialmente um estilo de comportamento marcado pela rigidez e pela precisão. Outro termo que deu a origem do sentido de religião vem do termo *relinquere*, que surge já na época cristã e significa “deixar, abandonar”. O termo *relegere* surge para determinar o ato de reler tudo que se referia ao culto dos deuses, o que era chamado de religiosos. “Assim *religio* vem de *relegere* sublinha o caráter da religião romana, baseada na observância do rito e, por isso, na precisão repetitiva dos atos devocionais dirigidas à divindade.”

(FILORAMO, 1999, p. 256).

A questão etimológica será retomada por Agostinho, no século IV, em várias ocasiões de seus escritos. Ele faz uma via intermediária: de relegere passa para religere que se torna reeleger, como retorno a Deus. “O termo proposto por Agostinho sugere uma interpretação de religio como passagem da negligência para com Deus a uma relação diligentemente reconstruída com ele” (FILORAMO, 1999, p. 57). A partir de Agostinho, começa a surgir a idéia de que religio significava uma ligação baseada na submissão e no amor entre o ser humano e Deus. É Tomás de Aquino, que unifica as palavras – religio, a religendo e a religando - ele chega a definição: religião deriva de religar/unir.

Foi com a crítica moderna da religião que se abriu novamente o debate tanto para a definição como para a função da religião dentro da sociedade. Vale ressaltar a opinião de Voltaire (1968) sobre religião:

Depois de nossa santa religião, que sem dúvida, é a única boa, qual seria a menos má? Não seria a mais simples? Não seria aquela que ensinasse muita moral e pouquíssimos dogmas? Que tendesse a tornar os homens mais justos sem obrigá-los a crer em coisa absurdas? Que não obrigasse a crer em coisas impossíveis, contraditórias, infamantes para a divindade e danosas ao gênero humano, e não ameaçasse com penas eternas quem preferisse ficar com o senso comum? Não seria, talvez, uma religião que se negasse a sustentar com sua influência os tiranos sanguinários, e que não inundasse a terra de sangue, por causa de sofismas incompreensíveis? Não seria uma religião na qual um equívoco, um jogo de palavras e dois ou três documentos falsos não tentassem igualar ao soberano e a Deus, um padre eventualmente incestuoso, homicida e corrupto? Uma religião que não tivesse a pretensão de submeter os governos a esse padre? Uma religião que ensinasse apenas a adoração a Deus, bem como a justiça, a tolerância e a humanidade? (VOLTARE, 1968, p. 559)

Para Voltaire (1998, p. 559) a religião seria definida como adoração a Deus e sua função seria o exercício da justiça, da tolerância e da humanidade. Girard (1980), conhecido pelos seus escritos sobre a relação entre sagrado e violência, coloca o centro de qualquer religião no sacrifício, entendido como ritualização preventiva das tentativas agressivas que surgem em todas as sociedades. O sacrifício ritualizado assimila os conflitos, dá vazão à violência

intestina sem despertar o mecanismo da vingança. Sua definição “[...] é a harmonia da coletividade que ele (o sacrifício) restaura, é a unidade social que ele reforça. Graças a ele, as populações permanecem serenas e não se rebelam. Ele reforça a unidade da nação” (GIRARD, 1980, p. 22).

A partir do século XVIII, muitos estudiosos voltaram a esse cenário da definição de religião, no entanto vale ressaltar que toda religião só pode ser lida e definida na história que é o lugar dos fenômenos concretos, e onde podem ser analisados dentro de sua dimensão evidenciada e dentro do conjunto social.

2.2 Violência

Ao falar de violência devemos ter um indicativo de como ela será tratada e a quais tipos nos referimos. Frequentemente, ela é entendida como ruptura da integridade física, sexual, emocional ou moral da pessoa. Violência é qualquer ato que fira direitos das pessoas, especialmente as limitadas por sexo, classe social e raça/etnia dentro da sociedade. É violência todo ato que aniquila ou elimina uma vida, um corpo, um interesse, uma vontade específica, quando este mesmo ato poderia não ter sido praticado. (WANDERMUREM, 2003, p. 26).

Portanto, a violência pode ser definida como um comportamento que visa ferir ou matar pessoas. Entre os vários tipos, existe as de natureza política e religiosa que, muitas vezes, irrompem juntas. Honderich (1980) define a violência política como: [...] um considerável ou destruidor uso da força contra pessoas ou coisas, um uso da força proibido pela lei, destinado a mudar as políticas, o pessoal ou o sistema de governo, e daí destinado também a provocar mudanças na existência dos indivíduos na sociedade e talvez em outras sociedades. (HONDERICH, 1980, p. 8).

A violência política pode ser usada para manter ou para perturbar o status quo. Já Chauí (1998, p. 32), caracteriza a violência, em geral, através de cinco pontos básicos que podem ser resumidos da seguinte forma: (1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser; (2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém; (3) todo o ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada

positivamente por uma sociedade; (4) todo ato de transgressão contra coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; (5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidade, pelo medo e pelo terror.

Na própria raiz da violência encontram-se todos os tipos de injustiças e desigualdades. Tem a ver com a vida econômica, social e política. Desigualdade em questões de comida, moradia, terra, saúde, liberdade, educação. É neste sentido que Tournier (1977) insinua que, por vezes, a violência pode ser justificada para livrar-se de uma situação insustentável.

Pode-se dizer que o ser humano dentro da sociedade transita entre duas modalidades de violência. Há uma violência individual que está “dentro” de nós e uma que está “fora” de nós. A primeira, que é uma violência interior, tem a ver com conflitos internos – nosso ego que nos mantém subservientes a nossos interesses pessoais imediatos, escravos de nossos preconceitos, da segurança, de nossas paixões, e que deve ser muito mais temida. A segunda, a violência exterior, diz respeito às nossas reações, aos conflitos sociais externos em nossa sociedade (COLLINAN, 1987).

Olhando por esse ângulo, pode-se dizer que a violência externa manifesta-se de muitas formas; uma delas é a que se faz pelo uso de armas de fogo e bombas; uma outra forma que pode ser classificada como violência fria que está ligada ao poder econômico empregado para dominar ou destruir os que carecem de poder, ainda pode-se distinguir uma terceira forma de manifestação da violência que vem em forma de “aparência” branda, mas é uma forma cruel uma vez que é ela quem fornece a legitimação aberta para as outras duas formas. É aqui que muitas vezes está a praticada pela religião, ainda que em muitos casos a religião está totalmente envolvida com as duas primeiras formas de manifestação.

3 Em nome da religião

Não há dúvida de que as raízes da violência se encontram também no religioso, e é por isso que as religiões podem facilmente servir de veículo aos desvios violentos. Para corroborar esta afirmação, basta lembrar elementos

da prática religiosa, tal como a dimensão sacrificial que é central na maioria das religiões. São bem conhecidas as teses de Girard (1980); o antropólogo francês diz que o dispositivo do sacrifício é essencial para impedir a autodestruição da sociedade. O sagrado circunda ao sacrifício e manifesta-se em sua função, a religião representa a moldura em cujo interior o sagrado controla o sacrifício.

O religioso nada mais é do que esse imenso esforço para manter a paz. O sagrado é a violência, mas se o religioso adora a violência, é sempre enquanto esta se torna portadora da paz: o religioso é todo orientado para a paz, mas os meios dessa paz nunca dispensam a violência sacrificial (GIRARD, 1980, p. 28).

Outro elemento pode ser analisado na luta entre o Bem e o Mal que é uma das fontes da violência ligadas a religião. A identificação com o bem justificou muita violência na história de todas as religiões, inclusive, o livro sagrado da fé judaica e cristã. As narrativas da Tanaka, que os cristãos herdaram, estão recheados de relatos sangrentos legitimados em nome do Bem. Assim, desde as guerras até as conquistas coloniais, passando pelas repressões internas contra os hereges, o cristianismo vem escrevendo sua história mediada pelas ações violentas. O que acontece com a Inquisição que aparentemente protegia Cristo e sua igreja e a perseguição era praticada contra os que ela considerava como hereges. Haeresis em latim significa escola de pensamento, religiosa ou filosófica. O Santo Ofício, até hoje considera merecedora de repressão qualquer formulação herética sobre Cristo. Já no século IV, o herege espanhol Prisciliano foi condenado à morte pelo imperador Maximus. São Martinho, Santo Ambrósio e São Leo condenaram radicalmente o procedimento. São João Cristóvão escreveu que “[...] condenar um herege à morte era introduzir na terra um crime inexplicável” (MURARO, 1998, p. 28).

Este ponto da história é um dos mais marcantes no cenário da violência praticada em nome de Deus. Assim, não se pode deixar de visibilizar o horror da Inquisição. Quem teve acesso ao *Malleus Maleficarum* pode ter a altura de seus olhos às páginas mais terríveis da história do cristianismo. É difícil imaginar que durante três séculos ele foi a Bíblia do inquisidor. Não foi por acaso que foi escrito no esplendor do Renascimento e se transformou no apogeu ideológico e pragmático da Inquisição contra a bruxaria, atingindo intensamente as mulheres. Ele é um manual de ódio, de tortura e de morte,

no qual o crime é cometido pelo próprio legislador oficial da igreja.

Como explicar uma terrível violência praticada em nome de Deus por um período tão longo dentro da sociedade? É no ano de 1484, portanto, no apogeu do renascimento, que o Papa Inocêncio VIII dá plenos poderes aos inquisidores dominicanos e professores de Teologia. Seus nomes: Kramer e Spenger. São chamados de “meus filhos” pelo papa. Esses são os autores do *Malleus*. O século XIII é marcado pela erudição de Santo Tomás de Aquino e a síntese aristotélica-tomista que, ao reunir o imenso acervo de conhecimento psicológico acumulado pelo cristianismo à filosofia essencialmente extrovertida de Aristóteles, preparava a Europa para o Renascimento, o berço fecundo das artes e ciências modernas.

É nesta sociedade que se deformou o mito cristão dos dois amores: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo, (não se pode esquecer que foi este poderosíssimo mito de salvação pelo amor, a principal matriz estruturante da chamada civilização ocidental, dentro da qual se desenvolveu a ciência moderna e se forjou a identidade das nações européias e americanas) – somente pela deformação do mito ela pode produzir a Inquisição e o *Malleus*.

As vítimas não deixaram testemunho. É a própria sanha dos legisladores, cuja loucura os levou a expor orgulhosamente suas violências em nome de Deus para a posteridade. O livro é terrível. Dividindo-se em três partes, a primeira cuida de enaltecer o Demônio com poderes divinos externos e ligar suas ações com a bruxaria. Na segunda parte, ensina-se a reconhecer e a neutralizar a bruxaria nas vivências do dia-a-dia da população. Uma pessoa de conduta diferente, uma briga entre vizinhos, uma vaca que dá mais ou menos leite, uma criança que adocece, uma tempestade ou a diminuição da potência sexual, qualquer ocorrência pode ser atribuída à bruxaria. Trata-se de uma verdadeira religião do Diabo para explicar todos os males da vida individual e comunitária.

O texto legislativo tem o objetivo de defender e de enaltecer Cristo, o que o transforma, loucamente, num código penal redigido por pessoas eruditas violentas, doutamente referenciadas no que havia de melhor na teologia cristã. Abençoadas e protegidas pela bula papal, “[...] os inquisidores Spenger e Kramer são um sintoma da inquisição, o grande câncer, a deformação psicótica do mito cristão. O resultado é que se criou uma dissociação cul-

tural expressa nas polaridades Cristo/Demônio e Santa Madre igreja/Bruxa” (MURARO, 1998, p. 38).

A Inquisição se julgava purificadora e, portanto, perseguia os hereges, os torturava e matava. Ela se fundamentava teologicamente no cristianismo para perpetuar suas violências. Ao praticar as torturas e as mortes, os inquisidores diziam lutar contra o demônio para salvar a alma de volta para Cristo. Tudo isto faziam como especialistas no estudo dos Evangelhos e no seu conteúdo humanista.

A expansão religiosa também tem em sua história a utilização da violência. As dezenas de bulas pontifícias que acompanham as empresas mercantis portuguesas na África, autorizam a conquistar, dominar politicamente e reduzir à escravidão os povos encontrados para converter e combater o infiel. Quanto à América Latina, são bastante conhecidas algumas condições violentas de evangelização.

Portanto, em todos os grandes sistemas religiosos encontram-se os mesmos traços da violência. Os textos fundadores de cada religião refletem a violência ritualizada dos sacrifícios, a utilização da violência para um bem superior e sua necessidade para a defesa da fé, orientando para a paz última. Vejamos alguns exemplos: no hinduísmo a ahimsa significa não causar o mal, o que geralmente se traduz para não violência. Mas há muitos elementos que justificam as violências. É só olhar o lugar no panteão hinduísta e ver o bom lugar que ocupa Kali, a deusa da destruição e por ela se verifica que a não violência não é sua meta.

O Islã não é exceção. Ao insistir mais na justiça do que no amor, não resiste muito à tendência de certos grupos de revestir-se dos atributos desta justiça para utilizar a violência.

Quanto ao judaísmo, desde os tempos de sua fundação, a história que gerou o texto bíblico, não deixou nada de fora daquilo que é a violência humana. Aí, Deus está misturado com ela e muitas vezes como ator. E o cristianismo, baseando-se na mesma fonte, transmitiu a mesma cultura religiosa; não hesitou em promover guerras santas, cruzadas, inspirando correntes messiânicas tanto mais violentas por serem a expressão de grupos oprimidos.

Assim, entendemos que para se falar do papel de uma religião dentro de uma sociedade não se pode deixar de visibilizar as fontes da violência nas suas

próprias origens. É a partir desse conhecimento que se entende suas funções sociais e o que isso pode refletir nos conflitos dentro de uma sociedade. Seria longo demais citar os diversos conflitos sociais da sociedade atual, onde a religião teve um papel fundamental utilizando-se da violência o que trouxe um agravante muito maior para a resolução dos problemas sociais internos.

4 A violência, a religião e a sociedade contemporânea

O século XX nasceu e se desenvolveu caracterizado pela crise das religiões. Alguns diziam que elas não seriam capazes de sobreviver a esse século. Havia uma difusa certeza na cultura corrente do século, que a modernidade iria reduzir o papel das religiões e da fé na vida das pessoas e na comunidade social. À medida que ia se ampliando o território da modernidade, ia também se restringindo o espaço das religiões. A religião era uma coisa que caía bem para as massas ignorantes e não emancipadas. Os teólogos da religião se dividiam no debate sobre esses prognósticos: seria necessário opor-se à modernidade corrosiva da fé ou acomodar-se a ela, atualizando o próprio universo religioso?

O século XX foi erodindo o espaço do religioso, a tal ponto que a prática dos ritos e dos cultos religiosos conheceu forte declínio. Nessa época, encontrava-se uma visão do mundo e do Estado que os declara autônomos em relação às pretensões da religião de dar-lhes um sentido total. A secularização e a modernidade, a partir da Revolução Francesa, se conceberam como uma utopia libertadora do obscurantismo e do fanatismo, para uma visão mais livre e autêntica da vida. A laicidade foi uma forma de ver o Estado, mas também uma ética que se tornou como que uma religião leiga com os seus ritos sociais. A laicidade do Estado provocou a erosão do papel social das religiões, enquanto afirmava, com a igualdade dos cidadãos diante do Estado, a liberdade religiosa para todos os tipos de credo e para qualquer opinião. A sociedade não se identificava mais com uma religião.

O comunismo, outra decisiva realidade do presente século, compartilha e leva ao extremo a visão corrente sobre a religião. O comunismo é no fundo a última grande utopia ocidental, considerada como uma mensagem de âmbito universal, boa para todas as latitudes. Ele constrói um Estado profun-

damente diferente do leigo-ocidental, porque esse tipo de Estado é, até certo ponto, confessional na sua essencial postura anti-religiosa: tem uma posição de Estado em matéria religiosa, o ateísmo, que se reflete na luta contra a religião. É um estado teológico, na sua essência ateísta, mas do tipo de um Estado confessional.

O século XX já ia se encaminhando para o seu fim com a idéia de que a modernidade iria destituir a religião do seu papel de protagonista da história. A religião, até então, associada ao fanatismo ou à memória das guerras de religião que tinham ensangüentado a Europa ou que se tinham travado entre o mundo cristão e o mundo muçulmano. O ato de eliminar a religião da vida social era considerado um fator de progresso e de estabilidade. Mas nos anos 70, começa a temporada da “divina surpresa”. A religião, como tal, voltou à cena como um fator relevante na vida política de muitos países no mundo. Elas se tornaram um elemento de instabilidade, de guerra ou de paz. Isso acentuou o fenômeno antes da crise da ideologia marxista. No entanto, em meio à crise da religião, seria necessário responder com a pregação da tolerância e com a educação para a vivência da unidade na diversidade.

A entrada das religiões como fator relevante na sociedade é um processo complexo; é um fato que diz respeito a todos os universos religiosos, judeus, cristãos e muçulmanos, naturalmente com as características próprias dos diferentes terrenos. No mundo cristão católico, começa uma temporada de novo protagonismo político e social com a eleição de João Paulo II, o primeiro papa eslavo da história do catolicismo. Na América Latina, a teologia da libertação, corrente de pensamento e de organização das comunidades de base, que se desenvolveu no seio do catolicismo, mostra a vontade de um novo protagonismo social dos cristãos: estes não aceitam o status quo social e político e ao mesmo tempo vão teorizando a mudança, dando forte atenção à práxis revolucionária e ao marxismo. Um novo protagonismo do cristianismo vai surgir na África; o Arcebispo anglicano Desmond Tutu, Prêmio Nobel da Paz, que se torna uma figura simbólica na luta contra o apartheid. Nos anos 80, outro fenômeno começa a se despontar no cenário político-social. Os episcopados ou alguns bispos se tornam figuras de referência nas transições de regimes, representam uma presença política enquanto o Estado africano se acha em crise.

O ocidente começa a perceber a força política do Islã. Com a revolução

do Aiatolá Khomeini (1979). A política ocidental, especialmente nas suas aplicações colonialistas, começa a perceber que não se deveria irritar o sentimento religioso da população muçulmana. No Irã, um regime ocidentalizante que tinha controlado a religião dá lugar a um regime revolucionário que utiliza o islã como elemento de desestabilização do sólido poder dos Pahlevi. A partir de Khomeini, o mundo conhece a realidade islâmica do fundamentalismo. Os últimos anos da vida do Estado de Israel registram a afirmação dos partidos religiosos e a entrada, de modo imediato, da religião e dos religiosos nas questões políticas.

Por tantos detalhes verificados na atuação da religião nas sociedades contemporâneas, percebe-se que elas podem ser um fator de equilíbrio e às vezes de violência. Elas não representam só o mundo conservador, aquele que se acha naturalmente ligado ao ancien régime; mas podem, ao contrário, assumir o protesto e a reação contra a ordem existente, como se fosse uma inspiração ao novo. Daí o vínculo entre formas religiosas extremas e o terrorismo.

É o que ocorre com a crise das ideologias, por isso, o fator religioso passa a ser novamente um elemento prioritário de identidade nacional. Isso foi o que se viu na guerra da ex-Iugoslávia, quando a identificação do croata com o católico e a do sérvio com o ortodoxo tiveram graves conseqüências; isso produziu uma reislamização dos bósnios, cujos traços identificadores religiosos estavam fortemente enfraquecidos. Nesse quadro, não se trata de extermínio religioso, nem de guerra religiosa, mas as diferentes identidades religiosas, com uma história de secular antagonismo; representam um elemento de cristianização das ortodoxias sérvias, tem uma visão política muito mais nacional e nacionalista do que os dirigentes do país.

5 Conclusão

Ao concluir este trabalho, pode-se dizer que toda e qualquer consideração sobre o tema de religião e violência, deve passar por uma análise das situações em sua globalidade, simultaneamente, e função das religiões nas sociedades e, as relações sociais como se apresentam. O julgamento moral, por si só, não pode prescindir da mediação da análise. É fato que as últi-

mas décadas trouxeram mudanças radicais e veio com elas um surpreendente surto de violências que também estão condicionadas a religião. Em todos os continentes, surgiram conflitos étnicos, nacionais ou sociais, onde a religião desempenhou um papel central.

Notamos também que as religiões não são apenas elemento de conflito ou de tensões. A função positiva das religiões na vida social é um assunto ainda a explorar, e que não coube fazer neste estudo. Conclui-se porém, que a identidade religiosa representa uma rede importante para o ser humano lutando com o desespero e o anonimato. Assim, as religiões são, muitas vezes, os pontos de referência em uma rede de solidariedade social muito importante para as pessoas. O renascimento religioso que se constata em numerosos países e em muitas tradições religiosas estão fortemente vinculadas à crise antropológica do ser humano contemporâneo.

Sabemos que a secularização, em numerosos países, não anulou o espaço do religioso, embora o tenha reduzido, mas laicizou os quadros gerais da vida em sociedade. Por tudo isso, finalizamos dizendo que as religiões não são mais apenas realidades que fixam limites e levantam contraposições, podem ser também um elemento de estabilidade social e internacional, contribuindo para a compreensão e não para o confronto.

Não podendo esquecer que nacionalismo e universalismo religioso deram muito que pensar a políticos e hierarcas religiosos no tempo das guerras mundiais. Certamente, o universalismo religioso é uma tensão que ainda vai esbarrar contra a identidade e contra os interesses nacionais. Portanto, hoje, ao falar de religião não se pode esquecer que estamos diante de uma poderosa arma política e ideológica que tem um papel fundamental na constituição social.

Referências

CHAUI, M. Ética e violência. *Teoria e debate*. São Paulo, v.11, n. 39, p. 32-41, 1998. COLLINAN, T. *The passion of political love*. Sheed and Wardm: London, 1897.

DREWERMANN, E. *La spirale de la peur: le chritiamisme et la guerre*.

Paris: Grasset, 1994.

FIILORAMO, G. E.; PRANDI, C. As ciencias da Religião. São Paulo: Paulus, 1999. GIRARD, René. A violência e o sagrado. São Paulo: Paz e Terra, 1980. HONDERICH, J. Violence for equality. London: Routledge, 1980.

KRAMER, H.; SPENGER, J. Malleus maleficarum. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1998. MURARO, R. M. O martelo das feiticeiras. 13. ed. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1998. TOURNIER, P. The violence inside. London: SCM Press, 1977.

VOLTAIRE. Dicionário filosófico. São Paulo: Ediouro, 1968.

WANDERMUREM, Marli. Delitos não silenciados: a dor da violência nas histórias de vida nas narrativas sobre a monarquia davídico-salomônica à luz dos textos de 1/2Samuel 1 até 1 Reus 2. 2003. 00 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2003.

MARLI WANDERMUREM

Doutora em Ciências da Religião pela UMESP. Coordenadora do Centro de Extensão, Pós- Graduação e Pesquisa (CEPPES) e profa. das disciplinas Ciências da Religião e Teologia do Antigo Testamento da Faculdade Batista Brasileira. E-mail: marwe@bol.com.br

Artigo aceito para publicação em 23/07/2004.